



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
TOCANTINS  
CAMPUS ARAGUATINS  
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**JEFFERSON PEREIRA ROSALVE**

**A PERCEPÇÃO DISCENTE SOBRE A DESIGUALDADE DE GÊNERO NO  
ENSINO SUPERIOR: um estudo com estudantes dos cursos presenciais de  
graduação do IFTO – *Campus Araguatins***

**ARAGUATINS**

**2026**

**JEFFERSON PEREIRA ROSALVE**

**A PERCEPÇÃO DISCENTE SOBRE A DESIGUALDADE DE GÊNERO NO  
ENSINO SUPERIOR: um estudo com estudantes dos cursos presenciais de  
graduação do IFTO – *Campus Araguatins***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura em  
Ciências Biológicas do Instituto Federal de  
Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins -  
*Campus Araguatins*, como exigência à obtenção do  
título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jeane Cristina Oliveira

**ARAGUATINS**

**2026**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins**

---

R789p Rosalve, Jefferson Pereira  
A percepção discente sobre a desigualdade de gênero no ensino superior : um estudo com estudantes dos cursos presenciais de graduação do IFTO – Campus Araguatins / Jefferson Pereira Rosalve. – Araguatins, TO, 2026.  
44 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Araguatins, Araguatins, TO, 2026.

Orientadora: Dra. Jeane Cristina Oliveira

1. Percepção Discente. 2. Ensino Superior. 3. Desigualdade de Gênero. I. Oliveira, Jeane Cristina. II. Título.

**CDD 570**

---

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins  
Campus Araguatins

## ANEXO XIII

### FOLHA DE APROVAÇÃO

**TÍTULO: "A PERCEPÇÃO DISCENTE SOBRE A DESIGUALDADE DE GÊNERO NO ENSINO SUPERIOR: um estudo com estudantes dos cursos presenciais de graduação do IFTO – Campus Araguatins"**

**AUTOR: Jefferson Pereira Rosalve**

**ORIENTADORA: Profª Drª Jeane Cristina de Oliveira**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, *Campus Araguatins*, como parte das exigências para a conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Aprovado em 24 de fevereiro de 2026.



Documento assinado eletronicamente por **Jeane Cristina de Oliveira, Servidora**, em 24/02/2026, às 21:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Hernandes Goncalves da Silva, Servidor**, em 25/02/2026, às 10:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Katia Paulino de Sousa, Servidora**, em 25/02/2026, às 10:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ifto.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ifto.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3065607** e o código CRC **EE4F6C84**.

*Dedico este trabalho às duas mulheres mais importantes da minha vida: minha avó, Benta Maria do Rozário (que me criou desde o meu nascimento) e minha mãe, Professora Maria Zilda. A ambas, expresso minha mais sincera gratidão por terem sido fonte constante de apoio, inspiração e ensinamentos, mostrando-me, desde cedo, que a educação é um instrumento de transformação e de construção de um futuro mais justo.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, fundamento maior da minha vida, digno de toda honra e de toda glória. Agradeço por me abençoar todos os dias e me conceder força e sabedoria para concluir esta etapa, e, principalmente por me guiar e proteger ao longo de todo o percurso realizado de casa para a faculdade e da faculdade para casa, durante estes 4 anos de curso.

Agradeço à minha família, em especial ao meu pai Gilvan Rosalve e aos meus irmãos Caio Almeida, Geovana Rosalve e Clara Pereira. Manifesto minha gratidão à minha avó, Benta Maria do Rosário, pelo apoio e incentivo constante, mesmo não tendo a oportunidade de estudar, sempre me motivou a valorizar a educação e a seguir nos estudos. E à minha mãe, Maria Zilda Pereira de Almeida, minha maior inspiração, educadora exemplar, cujo exemplo de dedicação à educação despertou em mim o desejo pela formação em licenciatura.

Agradeço, de forma especial, a todas as pessoas que estiveram ao meu lado ao longo dessa caminhada, oferecendo apoio, incentivo e encorajamento. Expresso minha gratidão a Aldenira e Darilson pelo apoio, incentivo e amizade. À minha melhor amiga, Safira Ferreira, agradeço a amizade sólida e apoio. Estendo meus agradecimentos às minhas primas e amigas Keila Paulino e Leidyane Paulino, professoras pelas quais nutro grande admiração. Sou igualmente grato às professoras Elanne Vieira e Mônica Carneiro, que foram importantes inspirações em minha trajetória formativa. Agradeço também às colegas e amigas de trabalho da Escola Municipal João Firmino dos Santos, em especial à diretora Joelma Pinheiro, Maria Antônia Gomes (Neta), Adriana Assunção e Juracy Maria, pelo apoio, incentivos e oportunidades concedidas ao longo desse percurso.

Agradeço, de coração, à minha “panelinha”: Caio Saraiva, Érica Fernandes, Gustavo Silva, Loren Rodrigues, Nayla Crislany e Vitória Oliveira, pelo companheirismo, amizade e por tornarem essa caminhada mais leve, levarei vocês para sempre em meu coração. Agradeço, de forma mais que especial ao Jefferson Francisco e Milene Silva, pessoas na qual considero como irmãos, sou extremamente grato pela amizade, companheirismo e pelos desafios compartilhados ao longo dessa trajetória. Ao Jefferson, meu “xará”, parceiro de poltrona na van, minha dupla de PIBID, e a Milene, minha vizinha, parceira de estrada e de curso, registro minha gratidão, iniciamos e concluímos juntos essa caminhada, e desejo a ambos muito sucesso.

Agradeço também a Vitória Ramos, pelo carinho e pela contribuição fundamental na coleta de dados deste trabalho.

Sou imensamente grato à minha orientadora, professora Dr.<sup>a</sup> Jeane Cristina Oliveira, pela disponibilidade, compromisso, paciência e dedicação ao longo de todo o processo de construção deste trabalho. Seus ensinamentos, orientações precisas, e, principalmente os incentivos constantes, foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, contribuindo significativamente para meu crescimento acadêmico e intelectual.

Assim como à coordenadora do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do IFTO – *Campus Araguatins*, professora Kátia Paulino, agradeço a atenção, compromisso e empatia durante minha trajetória acadêmica.

Por fim, expresso minha gratidão a todos os meus professores, dos quais levarei valiosos ensinamentos que contribuíram significativamente para minha formação acadêmica e pessoal. Agradeço, igualmente, à minha turma, (Bio Tretas) - turma 2022.1, pelo acolhimento, pelas amizades construídas e pelos inúmeros momentos de aprendizado, superação e companheirismo vivenciados ao longo do curso.

“A Educação é a chave para acabar com a desigualdade de gênero.”

*Denise Pires de Carvalho*  
(Presidente da CAPES)

## RESUMO

A desigualdade de gênero configura-se como um fenômeno histórico e estrutural que ainda se manifesta no contexto do ensino superior, mesmo diante dos avanços no acesso e na permanência de grupos historicamente marginalizados. Este estudo teve como objetivo analisar e compreender a percepção discente sobre a desigualdade de gênero no ensino superior, a partir da realidade do Instituto Federal do Tocantins/IFTO – *Campus Araguatins*. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, tendo como instrumento de coleta de dados um questionário *online* aplicado a estudantes dos cursos de graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas, Licenciatura em Computação, Engenharia Agrônoma e Medicina Veterinária, além da análise de documentos institucionais voltados à promoção da equidade de gênero. A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo, conforme Bardin (1977). Os resultados evidenciam que a maioria dos estudantes percebem a existência de desigualdade de gênero no ambiente acadêmico, especialmente relacionada à reprodução de estereótipos de gênero, à baixa representatividade feminina em cargos de liderança, à desvalorização da atuação de mulheres em determinados cursos e à discriminação contra estudantes que não se enquadram nos padrões de gênero hegemônicos. Observou-se, ainda, que tais desigualdades impactam negativamente o bem-estar, a autoestima, o desempenho acadêmico e o sentimento de pertencimento dos discentes, podendo contribuir para processos de desmotivação e evasão acadêmica. Embora o IFTO apresente iniciativas institucionais voltadas ao enfrentamento da desigualdade de gênero, estas são percebidas como insuficientes ou pouco visíveis pela maioria dos participantes. Conclui-se que o enfrentamento da desigualdade de gênero no ensino superior exige ações institucionais contínuas, articuladas e amplamente divulgadas, bem como o fortalecimento de práticas educativas que promovam a equidade, o respeito à diversidade e a construção de um ambiente acadêmico mais inclusivo.

**Palavras-chave:** Desigualdade de Gênero. Ensino Superior. Percepção Discente. Discriminação. Estereótipos de Gênero.

## ABSTRACT

Gender inequality is a historical and structural phenomenon that still manifests itself in the context of higher education, even in the face of advances in access and retention of historically marginalized groups. This study aimed to analyze and understand students' perceptions of gender inequality in higher education, based on the reality of the Federal Institute of Tocantins/IFTO – Araguatins *Campus*. The research is characterized as qualitative, descriptive, and exploratory in nature, using an online questionnaire applied to undergraduate students in Biological Sciences, Computer Science, Agronomic Engineering, and Veterinary Medicine as the data collection instrument, in addition to the analysis of institutional documents focused on promoting gender equity. Data analysis was performed using content analysis, according to Bardin (1977). The results show that most students perceive the existence of gender inequality in the academic environment, especially related to the reproduction of gender stereotypes, the low representation of women in leadership positions, the devaluation of women's performance in certain courses, and discrimination against students who do not fit into hegemonic gender standards. It was also observed that such inequalities negatively impact the well-being, self-esteem, academic performance, and sense of belonging of students, potentially contributing to demotivation and academic dropout. Although IFTO (Federal Institute of Tocantins) presents institutional initiatives aimed at addressing gender inequality, these are perceived as insufficient or not very visible by most participants. It is concluded that addressing gender inequality in higher education requires continuous, coordinated, and widely publicized institutional actions, as well as the strengthening of educational practices that promote equity, respect for diversity, and the construction of a more inclusive academic environment.

**Keywords:** Gender Inequality. Higher education. Student Perception. Discrimination. Gender Stereotypes.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1:</b> Qual o seu curso?.....	16
<b>GRÁFICO 2:</b> Qual o seu gênero?.....	17
<b>GRÁFICO 3:</b> Qual a sua faixa etária?.....	18
<b>GRÁFICO 4:</b> Você acredita que existe desigualdade de gênero no ambiente acadêmico?.....	18
<b>GRÁFICO 5:</b> Você já presenciou ou vivenciou alguma situação de discriminação de gênero no IFTO – <i>Campus Araguatins</i> ?.....	21
<b>GRÁFICO 6:</b> Na sua opinião, a universidade (IFTO – <i>Campus Araguatins</i> ) realiza ações suficientes para combater a desigualdade de gênero?.....	24

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1:</b> Respostas dos discentes em relação de como percebem as desigualdades de gênero dentro da instituição.....	19
<b>QUADRO 2:</b> Breve relato dos discentes sobre alguma vivência relacionada a situação de discriminação de gênero.....	21
<b>QUADRO 3:</b> Relato sobre como que a desigualdade de gênero impacta a vida acadêmica.....	23

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>8</b>
2.1 Conceito de Gênero e Desigualdade de Gênero: definições e debates .....	8
2.2 A inserção e participação das mulheres no ensino superior: avanços históricos e desigualdades persistentes.....	9
2.3 Estereótipos de gênero, socialização escolar e relações sociais na escolha dos cursos superiores .....	9
2.4 Preconceito de gênero, desigualdades, violências e diversidade no ambiente universitário .....	10
2.5 Violência de gênero, denúncias e ações institucionais .....	12
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>14</b>
3.1 Local da pesquisa:.....	14
3.2 Natureza da pesquisa: .....	14
3.3 Procedimentos metodológicos: .....	14
3.4 Análise de dados: .....	15
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>16</b>
4.1 Caracterização dos participantes.....	16
4.2 Percepção discente sobre a existência de desigualdade de gênero no ensino superior .....	18
4.3 Vivências e observação de situações de discriminação de gênero .....	20
4.4 Impactos da desigualdade de gênero na vida acadêmica.....	23
4.5 Avaliação das ações institucionais e propostas de mitigação.....	24
4.6 Ações institucionais de promoção à igualdade de gênero no IFTO .....	25
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>28</b>
<b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	<b>33</b>
<b>APÊNDICE B - MENSAGEM DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL</b> .....	<b>35</b>
<b>APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO PARA OS DISCENTES</b> .....	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A desigualdade de gênero configura-se com um fenômeno histórico e cultural enraizado nas relações sociais, refletindo também no ambiente acadêmico. Em relação ao enfrentamento à violência de gênero, Furlin e Graupe (2024, p. 6) afirmam que:

Fazer o enfrentamento à violência de gênero é responsabilidade de todas as instituições sociais, especialmente das Instituições de Ensino Superior (IES), uma vez que o ambiente universitário não tem se apresentado como um lugar seguro para mulheres e pessoas LGBTQIA+.

Apesar dos significativos avanços das mulheres dentro do âmbito educacional, as práticas discriminatórias ainda persistem, no que tange ao silenciamento de trajetórias, e os desafios na ocupação de poder e decisão nas instituições de ensino superior (IES). Segundo estudos do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2023), mesmo que as mulheres apresentem na atualidade níveis educacionais mais elevados que os homens, inclusive os superando em 59 países, a desigualdade salarial de gênero ainda persiste, com uma média de 39% menor do que a dos homens.

As universidades, as quais atuam como espaços de produção de conhecimento e de formação cidadã, não estão fora de reproduzir estereótipos e práticas discriminatórias que influenciam diretamente na vivência de estudantes e professores, dentre os vários fatores que cooperam para essa desigualdade estão os estereótipos de gênero. Marciano e Santana (2024, p. 3) afirmam que a igualdade de gênero só será integralmente alcançada quando houver uma desestruturação dos estereótipos amplamente enraizados na sociedade, por isso, é necessário refletir nos papéis tradicionais que a sociedade ainda associa às mulheres ao cuidado, enquanto os homens são vistos e tidos como provedores ou representados por figuras heroicas.

Mesmo diante do aumento de grupos historicamente minoritários no ensino superior, a desigualdade de gênero ainda se manifesta como um fenômeno amplo no ambiente acadêmico, por meio de preconceitos, estereótipos e práticas discriminatórias que impactam estudantes de diferentes gêneros, ou seja, mulheres e homens, em suas vivências universitárias. Embora essas desigualdades nem sempre são claras e/ou evidentes, elas tendem a influenciar tanto nas escolhas, relações e até mesmo nas oportunidades dentro das instituições de ensino superior.

Diante desse contexto, este trabalho objetivou, de forma geral, analisar e compreender as percepções de estudantes sobre a desigualdade de gênero no ensino superior, especificamente no IFTO – *Campus Araguatins*. Como objetivos específicos, buscou-se identificar práticas discriminatórias de gênero percebidas pelos estudantes de graduação, analisar a percepção discente sobre a desigualdade de gênero, e, por fim, propor ações para a mitigação da desigualdade de gênero no ambiente acadêmico.

Ao analisar as percepções dos estudantes, este estudo contribui para dar visibilidade às experiências vivenciadas no cotidiano universitário, possibilitando a identificação de práticas discriminatórias que, muitas vezes, permanecem naturalizadas. Além disso, a pesquisa pode ajudar a instituição a refletir sobre suas ações e a criar iniciativas para promover a igualdade de gênero no ensino superior. Nesse sentido, para compreender a desigualdade de gênero no ensino superior é importante levar em conta as experiências, opiniões e percepções dos próprios estudantes, já que eles são os principais envolvidos nas dinâmicas acadêmicas e sociais que produzem e reproduzem tais desigualdades.

Destarte, o presente trabalho está estruturado em três momentos. Inicialmente, apresenta-se a fundamentação teórica, parte do texto que embasa a pesquisa. Em seguida, descreve-se a metodologia adotada para a coleta, desde o tratamento até a análise dos dados. Por fim, são apresentados os resultados e a discussão da pesquisa, seguidos das considerações finais.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Conceito de Gênero e Desigualdade de Gênero: definições e debates

Para compreender todo o contexto relacionado à desigualdade de gênero nas universidades e as diversas formas que se manifesta, é de suma importância definir os conceitos tanto de gênero e de desigualdade. De acordo com Scott (1995), gênero trata-se de um termo para definir as origens e, também, as construções culturais e sociais que são propícias para homens e mulheres na sociedade. Por sua vez, Butler (2014) menciona que o conceito de gênero vai além de classificações tradicionais, explorando uma profunda confluência de alguns fatores que perpassam e configuram a identidade de gênero.

Gênero não é exatamente o que alguém “é” nem é precisamente o que alguém “tem”. Gênero é o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume. (Butler, 2014, p. 5).

A desigualdade de gênero manifesta-se de várias formas e em diversas áreas. De acordo com o INEE (2019), sigla inglesa para Rede Interinstitucional para a Educação em Situações de Emergência, a desigualdade de gênero inclui as diferenças existentes entre homens e mulheres na sociedade, no acesso a oportunidades e na participação em decisões sociais e econômicas.

Segundo Teixeira (2010, p. 1), ao tratar as dificuldades sobre o debate da desigualdade de gênero:

A reflexão sobre os temas igualdade e desigualdade, sob seus diversos aspectos, envolve discussões e questionamentos que, quanto mais aprofundados, tendem a ser frequentemente renovados e a revelar novas dimensões e possibilidades de abordagem. De modo específico, a questão da desigualdade de gênero, que foi objeto de grandes discussões no meio político e acadêmico e de variadas intervenções institucionais durante todo o século recém-encerrado, não foge a essa tendência.

Portanto, compreender esses conceitos torna-se crucial para analisar de que maneira tais desigualdades se reproduzem no contexto do ensino superior, espaço que, embora marcado por avanços, ainda reflete e perpetua desigualdades presentes na sociedade de forma mais ampla.

## **2.2 A inserção e participação das mulheres no ensino superior: avanços históricos e desigualdades persistentes**

Historicamente, o acesso à educação superior era exclusivamente reservado aos homens e restrito às mulheres. Por intermédio da luta por seus direitos, respeito e reconhecimento, só a partir da década de 70 a mulher conquistou seu espaço em diversas áreas, principalmente na área da educação (Barreto, 2014). No Brasil, o começo do ensino superior feminino só teve início no final do século XIX. A primeira mulher a ingressar em uma universidade no Brasil, foi no estado da Bahia, no ano de 1887, formando-se pela faculdade de medicina (Feclesc, 2010, p. 4).

Atualmente, de acordo com a pesquisa anual para o Censo da Educação Superior, os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2023) apontam e evidenciam o protagonismo feminino nas universidades, indicando que o sexo feminino predomina nos cursos de graduação, e apresentam o maior índice de concludentes da tal modalidade de ensino.

Desse modo, mesmo diante a vários avanços e desafios, apesar das mulheres representarem a maioria dos estudantes matriculados em cursos do ensino superior, essa participação ainda não se traduz em igualdade. Assim, a presença das mulheres ainda apresenta baixos índices em cursos de exatas e tecnologia, ambos os cursos predominantemente “masculinos”. Conforme dados da Agência Tatu (2023) de 2012 a 2022 o índice de mulheres nos cursos de Ciências Físicas, Tecnologias (TIC), Engenharias e Matemática teve uma queda de 23,2% para 22%.

## **2.3 Estereótipos de gênero, socialização escolar e relações sociais na escolha dos cursos superiores**

De acordo a abordagem anterior, essa realidade evidencia como os estereótipos de gênero continuam bem vigentes e influenciam fortemente a escolha do curso. Muitas mulheres ainda optam por cursos ligados às áreas de cuidados e educação, como, por exemplo, Pedagogia, Enfermagem e Psicologia (Pessoa, Vaz, Botassio, 2021, p. 4). Enquanto, por outro lado, os homens ocupam e preferem cursos das áreas da agricultura, engenharias e ciências (Em Foco, 2018). Essa divisão já começa no ensino médio, às vezes por influência da família e da sociedade. Um estudo realizado para uma pesquisa de mestrado, em uma escola pública de João

Pessoa/PB, com estudantes do 3º ano do ensino médio em 2012, mostra fielmente essa realidade, onde evidencia mais uma vez que não é novidade a escolha das estudantes do sexo feminino por cursos ligados à saúde, e a escolha dos estudantes do sexo masculino por cursos voltados a Ciências Exatas, Naturais e Tecnológicas. Pinto, de Carvalho e Rabay (2017, p 3) explicam essa escolha:

As relações de gênero ainda limitam as opções de formação profissional de ambos os sexos. Partindo do pressuposto de que a naturalização das relações sociais, neste caso de sexo e gênero, leva as mulheres a procurarem carreiras ligadas ao cuidado, e os homens a procurarem carreiras tecnológicas e científicas (...).

Dessa forma, fica evidente que a desigualdade de gênero no ensino superior não é um fenômeno isolado ou novo, mas resultado de um longo processo de socialização que mantém hierarquias e disparidades, destacando a necessidade de iniciativas educacionais e práticas de ensino que favoreçam a igualdade de gênero e a desconstrução dessas marcas no contexto escolar e universitário.

#### **2.4 Preconceito de gênero, desigualdades, violências e diversidade no ambiente universitário**

Assim como as mulheres sofrem preconceitos quando ingressas em cursos “masculinos”, os homens também não fogem dessa realidade dentro de cursos meramente definidos como “femininos”, como, por exemplo, o curso de enfermagem. Conforme destacam Maurício e Marcolan (2016), sempre há uma parcela de homens ingressos no curso que também sofrem preconceitos tanto por parte da sociedade como pelos membros do curso:

O que percebemos em nossa vivência é que o estudante do gênero masculino do curso de Enfermagem muitas vezes se sente discriminado pela sociedade ou até mesmo pelos membros da academia quando há generalização do termo as enfermeiras, pois mesmo sendo profissão em que o gênero predominante é o feminino trata-se de profissão composta por homens e mulheres, há diferenças e desigualdades, se trata de enfermeiras e enfermeiros.

Por conseguinte, Bonini, Silva e Oliveira (2019, p. 112) salientam que o ambiente universitário deve ser inclusivo e seguro, pois é nesse espaço que as identidades dos estudantes se desenvolvem, tanto no âmbito pessoal quanto na construção de sua formação profissional. Há uma série de formas e concepções sobre como estudantes e professores notam as desigualdades de gênero dentro de

ambientes universitários, às vezes podendo variar de acordo com suas experiências, posicionamentos sociais e até mesmo por suas trajetórias acadêmicas.

O estudo de Figueiredo, Silva e Santana (2020, p. 3) constata que essas desigualdades podem se manifestar por meio de violências físicas, sexuais e até mesmo psicológicas:

Composta por atos hostis, ultrajantes e desrespeitosos, a patologia social da violência pode se manifestar física, sexual e/ou psicologicamente, nas verbalizações agressivas, na discriminação étnico-racial, no assédio sexual e no assédio moral.

Dentro do contexto da percepção docente, a desigualdade de gênero se expressa através de estereótipos que ainda continuam presentes no ambiente educacional. No âmbito educacional, é notório que os professores e professoras que não se enquadram aos modelos sociais tidos como ideais pela sociedade muitas vezes se deparam com a negação de sua valorização profissional (Souza *et al.*, 2022, p. 16). Em suma, tais modelos relacionam-se aos padrões relacionados tanto à aparência, ao comportamento e até mesmo à identidade de gênero.

Os atos discriminatórios dentro das universidades estão sempre voltados as mulheres, pessoas negras, os LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e outras identidades de gênero e orientações sexuais) e também aos estudantes de baixa renda. Um estudo realizado por Freitas, Ésther e Santos (2023, p. 9), em uma universidade pública federal em Minas Gerais, cujo nome não foi divulgado por questões éticas, visando à preservação da identidade institucional e dos participantes, retrata que na percepção dos estudantes pertencentes a esses grupos a universidade não tem adotado medidas punitivas eficazes às práticas discriminatórias e de assédio relacionado a gênero, raça/cor e orientação sexual.

Ao falar de desigualdade de gênero, não podemos deixar de destacar a luta das pessoas LGBTQIAPN+ tanto para a permanência como também a luta pela falta de representatividade acadêmica. As práticas relacionadas à discriminação e violência de gênero partem de casa, da sociedade, e dentro do contexto escolar as relações sociais entre os estudantes são marcadas por variadas formas de agressões simbólicas. As práticas de *bullying* compreendidas como ações reiteradas de intimidação, humilhação ou exclusão, relacionadas ao gênero têm origem, constantemente, no ambiente escolar, principalmente durante a adolescência, sendo manifestadas por meio de comportamentos como risos, chacotas, exclusão social e

até mesmo agressões físicas (Vieira, 2015, p. 23). Isso tem um peso ainda maior quando se trata da vivência de pessoas LGBTQIAPN+ nas universidades, muitas vezes por diversos desafios que não se limitam apenas ao ambiente escolar, e que se manifestam em forma de preconceito, exclusão e, principalmente, a falta de apoio institucional, dificultando a permanência e participação ambiente acadêmico.

O Instituto Semear (2023) realizou uma entrevista retratando toda a realidade da vivência de pessoas LGBTQIAPN+ no contexto universitário. Através de relatos dos estudantes mostrou-se a trajetória, a luta por aceitação e respeito das universidades, os desafios enfrentados como preconceito, exclusão e também a falta de espaços que ajudam a promover o acolhimento, emponderamento e reconhecimento dessas pessoas dentro das instituições de Ensino Superior. Para mais, a pesquisa identificou que muitos universitários relataram sensações de exclusão em espaços sociais e acadêmicos, o que compromete principalmente seu desempenho e bem-estar no ambiente universitário.

Esses achados corroboram com a presente pesquisa, pois apontam para os mesmos desafios, como: aceitação, inclusão e reconhecimento institucional que são analisados ao longo deste trabalho, reforçando a necessidade de ações institucionais que promovam o acolhimento, inclusão e o empoderamento de estudantes LGBTQIAPN+ no Ensino Superior.

## **2.5 Violência de gênero, denúncias e ações institucionais**

De fato, as práticas de violência de gênero são bastante presentes na vida dos universitários. Segundo (Rocha, 2023, p. 11), embora a violência por razão de gênero ainda ser uma realidade presente em várias universidades, diversas instituições acabam ignorando esse problema, tratando-o como se não existisse, tudo isso com o intuito de preservar a imagem da universidade.

O debate sobre violência sexual só ganhou visibilidade no ano de 2014, após várias denúncias de violência sexual contra mulheres em festas que foram promovidas por alunos da Faculdade de Medicina, na USP. Após esse ocorrido, várias outras universidades se tornaram alvo de denúncia sobre violência (Jornal USP, 2017). Ainda, segundo o mesmo jornal, a discriminação e violência de gênero nas universidades se caracterizam por envolver assédio sexual, assédio moral, piadinhas de caráter misógino e sexista, desrespeito, desqualificação intelectual, discriminação

contra mulheres em espaços e cursos tradicionalmente masculinos, acesso desigual a recursos de pesquisa e bolsas de estudos, teto de vidro que inibe a ascensão profissional das mulheres e os estupros.

Dentre essas formas de desigualdade, destaca-se o termo chamado “teto de vidro” ou *glass ceiling*, conceito utilizado para explicar os obstáculos invisíveis que limitam a progressão profissional e até acadêmica feminina e minorias. O fenômeno conhecido como “teto de vidro” refere-se a barreiras invisíveis que dificultam o avanço das mulheres em posições mais elevadas na carreira, mesmo quando possuem qualificação e experiência equivalentes ou superiores às dos homens (Góis e Carvalho, 2024, p. 3).

Assim, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) lançou um "Manual contra a Discriminação e Desigualdade de Gênero e Raça", no link: ([https://www.fflch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/202104/contr\\_a\\_discriminacao\\_e\\_de\\_sigualdade.pdf](https://www.fflch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/202104/contr_a_discriminacao_e_de_sigualdade.pdf)), elaborado pela Comissão de Defesa dos Direitos Humanos (CDDH), com o objetivo de combater a discriminação, a desigualdade de gênero e raça no meio acadêmico. A iniciativa fornece orientações sobre como reconhecer e combater tais práticas, além de divulgar meios de suporte às vítimas, fomentando um ambiente mais inclusivo e respeitoso (Jornal USP, 2021).

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 Local da pesquisa:**

A pesquisa foi desenvolvida no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, IFTO - *Campus* Araguatins, que fica situado no Povoado Santa Tereza, KM 05, S/N, Zona Rural na cidade de Araguatins -TO.

#### **3.2 Natureza da pesquisa:**

O presente estudo designa-se como uma pesquisa de abordagem mista, com predominância qualitativa, uma vez que articula dados quantitativos, provenientes de questões fechadas do questionário, e dados qualitativos, oriundos das respostas abertas dos participantes. Para Godoy (1995, p. 21) trata-se de um tipo de pesquisa onde o pesquisador necessita ir a campo com o objetivo de analisar e compreender as percepções dos envolvidos no estudo, levando em consideração todos os pontos de vistas essenciais.

Além disso, a pesquisa também parte de uma abordagem descritiva, que de acordo Triviños (1987, p. 110) relaciona-se a um estudo com o objetivo de apresentar de maneira fidedigna os fatos e fenômenos de determinada realidade. Por fim, também adota uma abordagem exploratória, pois dentro de uma pesquisa qualitativa, essa abordagem tem como intenção assimilar o fenômeno no contexto em que está inserido, propiciando ao pesquisador uma análise sistêmica e interpretativa dos dados meramente coletados (Lösch, Rambo e Ferreira, 2023, p. 3.). As abordagens descritiva e exploratória possuem a finalidade de buscar identificar e analisar prováveis práticas discriminatórias, bem como as principais formas de mitigação na instituição em questão.

#### **3.3 Procedimentos metodológicos:**

A pesquisa foi realizada por meio de um questionário na plataforma do *Google Forms*, cujo link foi enviado via rede social (*WhatsApp*). O público-alvo da pesquisa foi constituído por estudantes dos cursos superiores presenciais ofertados pelo IFTO

– *Campus Araguatins*: Licenciatura em Ciências Biológicas, Licenciatura em Computação, Engenharia Agrônômica e Medicina Veterinária.

O envio do link de acesso ao formulário para coleta de dados foi direcionado aos discentes e permaneceu disponível para acesso e resposta no período compreendido entre os meses de outubro até o final de dezembro de 2025. Juntamente ao link, foi encaminhada uma mensagem de apresentação do pesquisador responsável (apêndice B) contendo informações necessárias, como os objetivos da pesquisa, esclarecimentos quanto ao sigilo e à confidencialidade dos dados fornecidos, o uso exclusivo das informações para fins científicos, bem como a garantia do direito de recusa ou de retirada das respostas a qualquer momento, e também um termo de aceite para o prosseguimento da pesquisa.

Adicionalmente, foi utilizada a análise de documentos e/ou projetos institucionais voltados à promoção da equidade de gênero no IFTO, tais como o Programa Mulheres Mil, o documento Guia Lilás e as ações desenvolvidas pelo Núcleo de Combate ao Assédio (NUCA), com o objetivo de compreender as políticas e iniciativas institucionais relacionadas à temática investigada.

### **3.4 Análise de dados:**

Dessa forma, tanto os dados obtidos através do questionário quanto os dados derivados por meio de análises de documentos foram interpretados através da análise de conteúdos, conforme os procedimentos propostos por Bardin em 1977. Mendes e Miskulin (2017, *apud* Bardin, 1977, p. 9), definem que é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Por fim, toda a metodologia adotada neste estudo permitiu compreender as percepções dos estudantes dos cursos de graduação sobre desigualdade de gênero no IFTO - *Campus Araguatins*.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

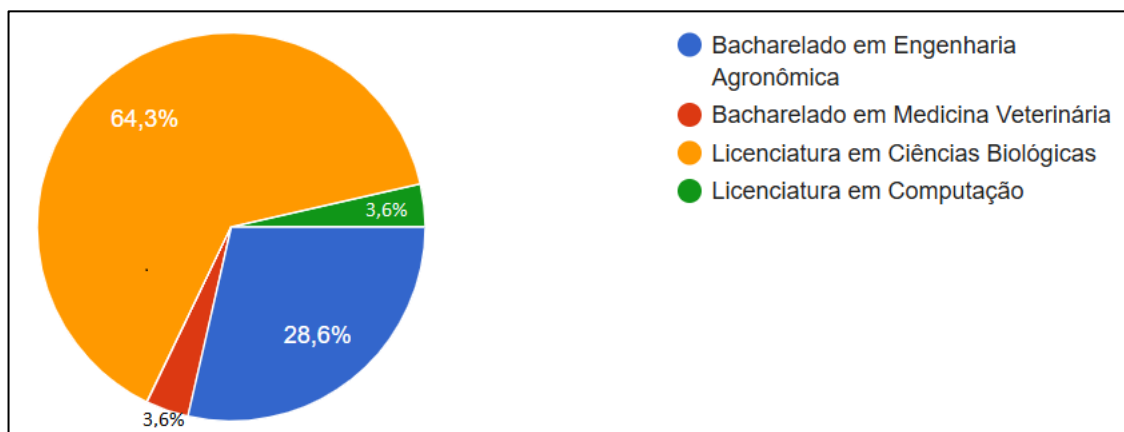
Esta seção apresenta e discute os resultados obtidos a partir da aplicação de um questionário *online* junto a discentes dos cursos presenciais de graduação do Instituto Federal do Tocantins (IFTO) – *Campus Araguatins*.

### 4.1 Caracterização dos participantes

Observa-se que a diversidade de cursos representados na pesquisa contribui significativamente para uma compreensão mais ampla do assunto investigado, uma vez que a desigualdade de gênero pode se manifestar de maneira distinta conforme o campo do conhecimento.

Ao serem questionados sobre qual o seu curso, dentre os 4 cursos, nota-se a predominância de participantes dos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, com 64,3%, e também do curso de Bacharelado em Engenharia Agrônômica, com 28,6%. Refletindo sobre essa distribuição, essa alta predominância de participação desses dois cursos é de suma importância, uma vez que ambos apresentam composições de gênero historicamente distintas.

**Gráfico 1:** Qual o seu curso?



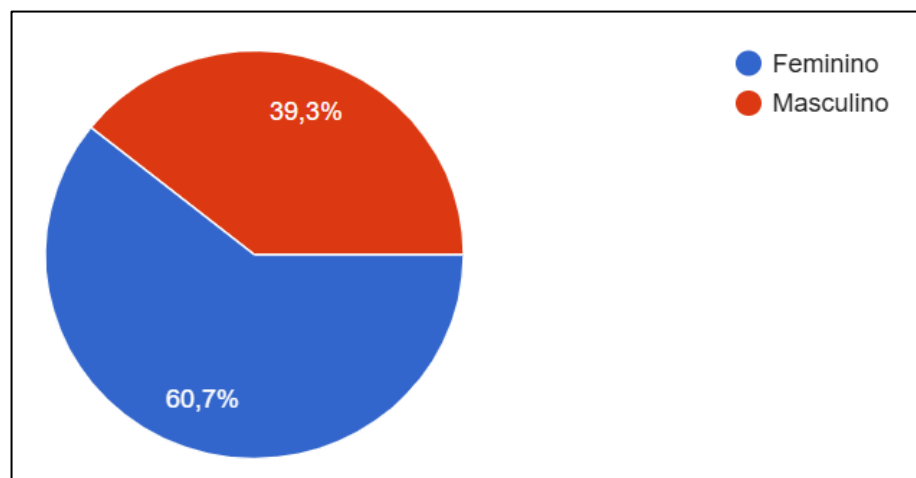
Fonte: Autor, 2025.

No que se refere a participação por parte de gênero, ou seja, à autodeclaração de gênero, observa-se a predominância de participantes do gênero feminino, com

60,7%, seguida, como menor percentual de participantes, temos a participação de estudantes do gênero masculino, com 39,3%.

Desse modo, percebe-se que esses dados são relevantes para análise. As literaturas apontam que as mulheres tendem a perceber e sofrer situações de desigualdade e discriminação de gênero no ambiente acadêmico, principalmente quando estão em cursos que são historicamente “masculinizados, levando até a desistência do curso (Ferreira, 2023, p. 98).

**Gráfico 2:** Qual o seu gênero?

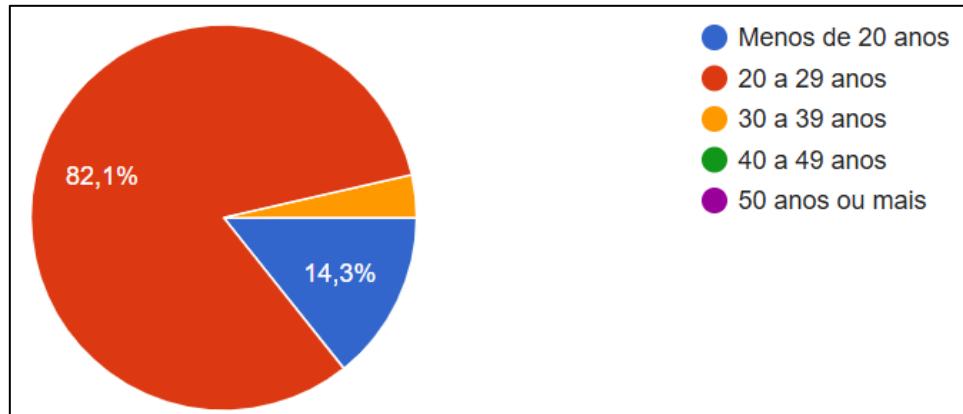


Fonte: Autor, 2025.

Tendo em vista a esse percentual, estudos apontam e corroboram que as desigualdades de gênero no ambiente acadêmico não se expressam somente por meio de restrições formais de acesso, mas também por barreiras estruturais e simbólicas.

No que se refere à caracterização do perfil dos participantes da pesquisa, a faixa etária constitui um elemento relevante para a compreensão das percepções discentes sobre a desigualdade de gênero no ensino superior.

**Gráfico 3:** Qual a sua faixa etária?



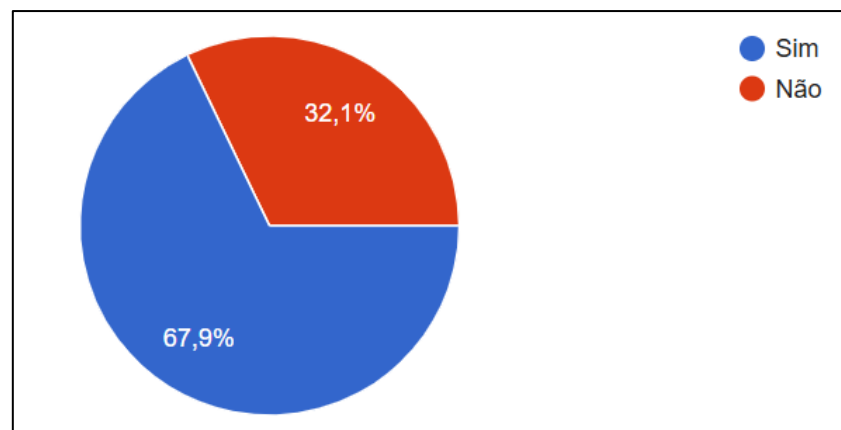
Fonte: Autor, 2025.

A análise da faixa etária dos respondentes indica a predominância de estudantes jovens, com maior concentração na faixa de 20 a 29 anos (82,1%), seguida por participantes com menos de 20 anos (14,3%), enquanto a presença de estudantes entre 30 e 39 anos é pouco expressiva (3,6%).

#### 4.2 Percepção discente sobre a existência de desigualdade de gênero no ensino superior

Ao serem questionados sobre a existência de desigualdade de gênero no ambiente acadêmico, 67,9% dos estudantes afirmaram perceber esse fenômeno na instituição, enquanto 32,1% declararam não identificar a presença de desigualdades dessa natureza.

**Gráfico 4:** Você acredita que existe desigualdade de gênero no ambiente acadêmico?



Fonte: Autor, 2025.

O quadro a seguir, apresenta respostas de cunho aberto em virtude ao questionamento anterior, onde obtivemos algumas respostas sobre como cada participante percebe essa desigualdade, dentre as respostas, algumas principais são:

**Quadro 1:** Respostas dos discentes em relação de como percebem as desigualdades de gênero dentro da instituição.

DISCENTE	RESPOSTA
D1	<i>“Ela aparece na baixa presença de mulheres em cargos de liderança e na ideia de que certos cursos têm “gênero”, como biologia sendo vista como feminina e computação ou agronomia como masculinas. Esses estereótipos ainda limitam escolhas e reforçam desigualdades dentro da universidade.”</i>
D2	<i>“A desigualdade de gênero na academia aparece na menor presença de mulheres em cargos de liderança, na menor valorização de suas pesquisas, na sobrecarga com tarefas pouco reconhecidas e nos impactos da maternidade na carreira.”</i>
D3	<i>“No curso de engenharia agrônoma os homens se sentem superiores a mulheres, por achar que é um curso voltado apenas para homens.”</i>
D4	<i>“Na minha percepção, a desigualdade acontece no pré-estabelecimento de cargos que regem o ambiente acadêmico, onde é esperado que os homens façam o trabalho braçal quando é surgido algumas atividades, e mulheres façam a parte documental ou que envolvam a cozinha. Onde, é possível ver esse machismo estrutural enraizado nos meios sociais, onde atravessam e perpassam durante o cotidiano sem a noção da percepção.”</i>
D5	<i>“Sim, acredito que ainda existe desigualdade de gênero no ambiente acadêmico. Percebo essa desigualdade principalmente na menor presença de mulheres em cargos de liderança e na diferença de reconhecimento entre homens e mulheres.”</i>
D6	<i>“Em aulas práticas os professores sempre escolhe um homem pra mexer com animais mais grandes, em jogos a faculdade apoia mais o time masculino.”</i>

Fonte: Autor, 2025.

As respostas dos discentes evidenciadas acima mostram que a desigualdade de gênero no ambiente acadêmico é percebida de forma multifacetada, reafirmando que se manifesta tanto na distribuição desigual de cargos de liderança quanto na reprodução de estereótipos associados a determinados cursos e atividades, afetando

principalmente as mulheres. Nesse sentido, estudos apontam que o espaço institucionalizado do ensino superior, especialmente nas áreas de engenharias e tecnologias, impacta a trajetória subjetiva das mulheres de maneira interseccional, uma vez que as desigualdades de gênero se firmam a outros sistemas de opressão, como raça, classe social, geração e até mesmo região, produzindo até múltiplas formas de exclusão (Klanovicz e Oliveira, 2021).

Sob esse viés, a análise dos relatos revela, de modo recorrente, a percepção acerca da ausência de mulheres em cargos de liderança, o que aponta para a insuficiente representatividade feminina nesses espaços e reforça a persistência de assimetrias de gênero no contexto acadêmico.

A literatura sobre gênero e liderança aponta que a presença feminina em cargos de chefia ainda enfrenta sérios desafios enraizados em estruturas sociais e organizacionais. Nesse sentido, a dificuldade das mulheres em assumirem posições de liderança decorre de múltiplos fatores, como discriminação de gênero, estereótipos socialmente construídos, desigualdades estruturais e barreiras institucionais (Ceribeli, Rocha e Pereira, 2018, *apud* Luz e Cunha, 2024).

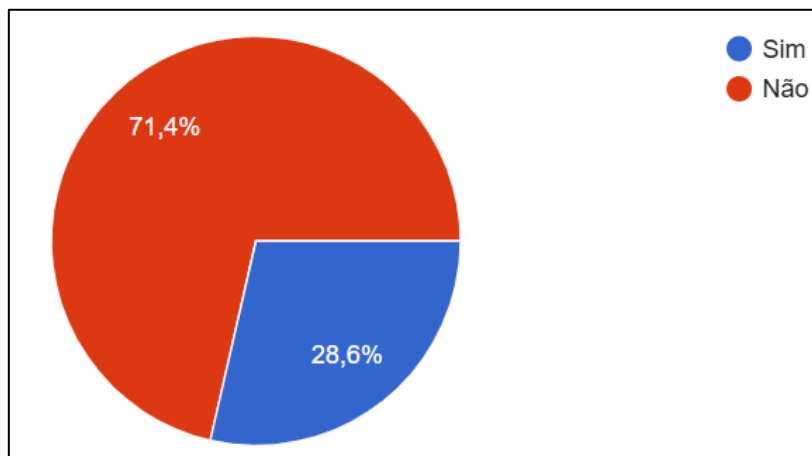
Além dessas barreiras estruturais, episódios recentes evidenciam como a resistência à liderança feminina pode se manifestar de forma extrema em diferentes espaços institucionais. Um caso ocorrido em 28 de novembro de 2025, no Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro (CEFET-RJ), ganhou repercussão nacional após o assassinato de duas servidoras dentro da instituição por um colega de trabalho (homem) que demonstrava resistência em aceitar a autoridade de uma mulher em posição de chefia. O episódio foi amplamente interpretado por entidades e especialistas como uma manifestação de misoginia e de violência de gênero associada à rejeição da liderança feminina, revelando que o machismo estrutural ainda permeia em ambientes profissionais e educacionais, onde mulheres frequentemente precisam reafirmar constantemente sua legitimidade em posições de poder (ACCARINI, 2025).

#### **4.3 Vivências e observação de situações de discriminação de gênero**

Quando questionados sobre a vivências ou presenciamento de situações de discriminação de gênero dentro da instituição em estudo, 28,6% dos estudantes afirmaram já ter presenciado ou vivenciado algum episódio dessa natureza, enquanto

71,4% declararam não ter passado por esse tipo de situação, conforme apresentado no gráfico 5.

**Gráfico 5:** Você já presenciou ou vivenciou alguma situação de discriminação de gênero no IFTO – *Campus Araguatins*?



Fonte: Autor, 2025.

Apesar da maioria dos participantes responderem não terem vivenciado ou presenciado atitudes de discriminação de gênero, o percentual de quase um terço dos estudantes que reconhecem episódios de discriminação é significativo, ou seja, não deve ser desconsiderado. As respostas evidenciam que a desigualdade de gênero ultrapassa o campo das percepções abstratas, manifestando-se de forma concreta no cotidiano universitário.

Os relatos apresentados por discentes que responderam afirmativamente a essa questão, de forma resumida, relatam a presença de comentários machistas, brincadeiras de cunho sexista, desconsideração da opinião feminina em sala de aula, dúvidas quanto à capacidade intelectual de mulheres em determinados cursos, e tratamento diferenciado por parte de colegas.

Dentre as respostas estão:

**Quadro 2:** Breve relato dos discentes sobre alguma vivência relacionada a situação de discriminação de gênero.

DISCENTE	RESPOSTA
D1	<i>“Com meninas que fazem computação, já ouvi meninos falando que elas não vão conseguir formar pois tem muito cálculo no curso.”</i>

D2	<i>“Discriminação sobre os alunos do sexo masculino estarem fazendo biologia.”.</i>
D3	<i>“Pela forma em que associamos a licenciatura somente para mulheres e o de “agronomia” por exemplo, para homens.”.</i>
D4	<i>“Olha, eu pessoalmente já percebi algumas situações sutis de discriminação de gênero no IFTO – Campus Araguatins. Não foi algo explícito (...) as opiniões de meninas em debates ou trabalhos em grupo são menos ouvidas, (...) já vi comentários que tentam diminuir o esforço de alunas, como se o sucesso delas viesse só por “ajuda” ou “sorte”. “</i>
D5	<i>“Alunos de outros cursos estavam se referindo aos alunos do curso de Biologia com um certo deboche e também de maneira ofensiva. Os insultos foram dirigidos principalmente para os homens que cursam Biologia.”.</i>

Fonte: Autor, 2025.

Observa-se que o preconceito e a discriminação de gênero não atingem apenas mulheres em cursos socialmente associados ao gênero masculino, mas também homens inseridos em áreas historicamente feminilizadas, majoritariamente ocupadas por mulheres. Tal constatação ratifica com um estudo realizado com estudantes do Ensino Superior, ao evidenciar que estudantes do sexo masculino relatam sofrer preconceito ao optarem por cursos majoritariamente ocupados por mulheres, sendo frequentemente alvo de estigmatização e associações à sexualidade (Junior, Souza e Ferreira, 2022).

Em uma das respostas, um dos participantes mencionou a experiência de uma estudante trans:

*“Tinha uma amiga trans, que não conseguiu dá andamento no curso por causa do preconceito.” (D5)*

Essa resposta mostra que a exclusão simbólica e social na universidade pode levar ao afastamento ou à evasão de estudantes que não se enquadram nas normas de gênero hegemônicas presentes na universidade, uma vez que não se sentem seguros ou pertencentes a esse espaço. Tal percepção se encontra em evidência na literatura e, principalmente em análises jornalísticas recentes, como a reportagem do Estadão que aponta que o preconceito e as discriminações enfrentadas por pessoas trans ao longo de sua trajetória educacional impactam diretamente não apenas o

acesso, mas sobretudo a permanência no ensino superior, contribuindo para trajetórias acadêmicas interrompidas e marcadas pela exclusão (Estadão, 2019).

#### 4.4 Impactos da desigualdade de gênero na vida acadêmica

Quanto aos impactos da desigualdade de gênero na vida acadêmica, aproximadamente 85% das respostas apontam efeitos negativos tanto no desempenho quanto no bem-estar psicológico dos estudantes, e também a evasão acadêmica, principalmente entre mulheres. Entre os impactos mencionados estão:

**Quadro 3:** Relato sobre como que a desigualdade de gênero impacta a vida acadêmica.

DISCENTE	RESPOSTA
D1	<i>“(...) desvalorização e desmotivação pessoal daquele aluno (vítima) (...)”</i>
D2	<i>“Depressão, insegurança ou até mesmo a desistir de fazer o curso.”</i>
D3	<i>“Afeta a autoestima.”</i>
D4	<i>“(...) afeta também a conquista de lugares de destaque, faz com que muitas pessoas sintam que não pertencem a determinados espaços.” (D4)</i>
D5	<i>“Acredito que ao perpetuar estereótipos, limita oportunidades e gerar um ambiente de trabalho e estudo menos inclusivo.” (D5)</i>
D6	<i>“A desigualdade de gênero dificulta o crescimento acadêmico, desmotiva estudantes e professoras (...)”</i>
D7	<i>“Impacta de forma negativa, pois, uma pessoa pode acabar escolhendo um curso que não gosta por pressão de terceiros.”</i>

Fonte: Autor, 2025.

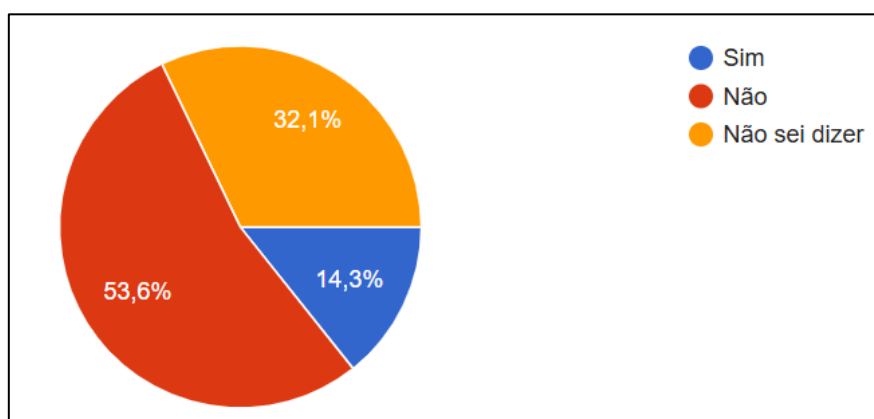
Dessa forma, as respostas dos participantes evidenciam que a desigualdade de gênero não se limita a episódios isolados de discriminação, mas impacta de maneira mais ampla a vivência universitária e o processo de formação acadêmica. Tais percepções dialogam com as observações da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), que afirma que a desigualdade de gênero no ambiente acadêmico impacta a vida das mulheres em todas as etapas de suas trajetórias acadêmicas, manifestando-se por meio da desigualdade salarial, da limitação de oportunidades de promoção, da sub-representação em cargos de

liderança e do menor reconhecimento de suas contribuições (OCDE, 2023, *apud* Siqueira, 2024).

#### 4.5 Avaliação das ações institucionais e propostas de mitigação

No que diz respeito às ações institucionais voltadas ao enfrentamento da desigualdade de gênero, apenas 14,3% dos discentes consideraram que o IFTO – *Campus Araguatins* desenvolve ações suficientes sobre a temática. Em contrapartida, 53,6% avaliam que tais ações são inexistentes ou insuficientes, enquanto 32,1% afirmaram não ter conhecimento sobre iniciativas institucionais relacionadas ao tema.

**Gráfico 6:** Na sua opinião, a universidade (IFTO – *Campus Araguatins*) realiza ações suficientes para combater a desigualdade de gênero?



Fonte: Autor, 2025.

Esses dados revelam uma percepção crítica dos estudantes quanto ao papel da instituição no enfrentamento das desigualdades de gênero. Nessa perspectiva, o fenômeno da violência de gênero, que se reproduz no interior das universidades, evidencia a urgência da construção e efetivação de políticas institucionais e/ou mecanismos baseados nas questões de gênero voltados ao enfrentamento das violências e das desigualdades no ambiente acadêmico (Furlin e Delgado, 2024). Portanto, a percepção discente expressa não apenas a identificação das desigualdades vivenciadas no cotidiano universitário, mas também a expectativa de uma atuação mais efetiva das instituições na prevenção, no acolhimento e no enfrentamento das violências de gênero.

Diante disso, com relação às medidas consideradas eficazes para reduzir a desigualdade de gênero no ambiente universitário, os discentes destacaram, com maior frequência, propostas como a promoção de palestras, rodas de conversa e campanhas educativas; a inclusão do debate de gênero nos currículos; a capacitação de docentes e servidores; e o fortalecimento de canais institucionais de denúncia e acolhimento.

Ao final do formulário, havia um espaço destinado para que os participantes da pesquisa pudessem relatar alguma experiência, sugestão ou até mesmo alguma reflexão sobre o tema. Esse espaço permitiu que os participantes expressassem, de forma espontânea, suas percepções sobre a desigualdade de gênero no ambiente universitário. Observou-se que a maioria dos respondentes não apresentaram comentários adicionais, o que pode indicar a naturalização ou o silenciamento da temática no contexto acadêmico.

#### **4.6 Ações institucionais de promoção à igualdade de gênero no IFTO**

Como proposto na metodologia da pesquisa, é de suma importância a análise de documentos e/ou projetos institucionais do IFTO que evidenciam a existência de iniciativas que visam à promoção da igualdade de gênero. Entre essas ações, destacam-se o **Programa Mulheres Mil**, o documento **Guia Lilás** e o programa **NUCA**.

Criado em 2007, em 2025 completou dois anos de sua edição no *Campus Araguatins*, o programa **Mulheres Mil** tem como foco a qualificação profissional de mulheres em situação de vulnerabilidade social, visando à ampliação das oportunidades de inserção no mercado de trabalho e à promoção da autonomia econômica feminina (Portal IFTO, 2024). Esse programa revela uma compreensão institucional de que as desigualdades de gênero extrapolam o espaço acadêmico e estão diretamente relacionadas a fatores sociais, econômicos e históricos que afetam a trajetória educacional e profissional das mulheres.

Outra iniciativa que contribui para a mitigação da problemática de desigualdade de gênero é a divulgação do **Guia Lilás** pelo Instituto Federal do Tocantins (IFTO), especialmente no mês de junho, período simbólico de valorização do orgulho LGBTQIAPN+. O Guia Lilás é um documento de orientação que evidencia a adoção de ações institucionais voltadas ao enfrentamento de assédio moral, assédio sexual e

à discriminação no ambiente de ensino e de trabalho, contribuindo para a promoção da igualdade de gênero (Portal IFTO, 2025). Enquanto apenas como documento orientador, o guia reforça a importância da informação, da prevenção e do acolhimento às vítimas, demonstrando o compromisso institucional com a construção de um espaço educacional mais seguro e inclusivo.

Além disso, a instituição conta com a atuação do **Núcleo de Combate ao Assédio** (NUCA), que constitui uma iniciativa institucional voltada ao acolhimento e encaminhamento de situações de assédio e discriminação no ambiente universitário (Portal IFTO, 2025). O programa atua como um canal de escuta e mediação, contribuindo para o enfrentamento das desigualdades de gênero e para a promoção de um espaço acadêmico mais seguro.

A Ouvidoria funciona como um canal institucional seguro e qualificado para o recebimento de manifestações, assegurando sigilo e proteção à identidade de quem busca apoio, além de oferecer orientações sobre os canais de registro de situações de assédio, discriminação, bem como outras condutas inadequadas, no contexto do IFTO, isso inclui a utilização da Plataforma Fala.BR para formalização de manifestações (Portal IFTO, 2025).

As ações institucionais do IFTO evidenciam a adoção de políticas e documentos orientadores voltados à igualdade de gênero; contudo, os resultados da pesquisa revelam que tais iniciativas ainda não se traduzem, de forma consistente, em práticas reconhecidas e apropriadas pela comunidade discente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar a percepção discente sobre a desigualdade de gênero no ensino superior, a partir da realidade do Instituto Federal do Tocantins – *Campus Araguatins*. Os resultados evidenciam que, embora parte dos estudantes não identifiquem explicitamente situações de discriminação, a desigualdade de gênero ainda se manifesta de forma estrutural e simbólica no ambiente acadêmico, especialmente por meio de estereótipos, da desigual distribuição de oportunidades e da baixa representatividade feminina em espaços de liderança.

As percepções dos participantes indicam que essas desigualdades impactam negativamente a vivência universitária, afetando o bem-estar, a autoestima e o sentimento de pertencimento, além de contribuir para a desmotivação e, em alguns casos, para a evasão acadêmica, sobretudo entre mulheres e pessoas LGBTQIAPN+. Tais achados reforçam a compreensão de que o ensino superior, apesar de seu papel formativo, ainda reproduz desigualdades presentes na sociedade.

No que se refere às ações institucionais, observou-se que, embora o IFTO possua iniciativas relevantes voltadas à promoção da igualdade de gênero, como o Programa Mulheres Mil, o Guia Lilás, o NUCA e a atuação da Ouvidoria, estas ainda são percebidas como insuficientes ou pouco visíveis pela maioria dos estudantes, indicando a necessidade de maior fortalecimento e divulgação dessas políticas.

Diante desse cenário, torna-se fundamental que a instituição invista na ampliação de ações educativas permanentes, como palestras, rodas de conversa, campanhas de sensibilização, inclusão da temática de gênero nos currículos e capacitação contínua de docentes e servidores. Tais medidas são essenciais para desconstruir estereótipos, promover relações mais igualitárias e garantir um ambiente universitário seguro, inclusivo e respeitoso para todos os sujeitos.

Conclui-se que o enfrentamento da desigualdade de gênero no ambiente universitário exige ações contínuas de sensibilização, formação e participação institucional, bem como o engajamento de toda a comunidade acadêmica. Por fim, reconhecem-se as limitações do estudo, sugerindo-se a ampliação de futuras pesquisas que aprofundem a temática e incluam diferentes sujeitos e perspectivas, contribuindo para a construção de um ambiente acadêmico mais igualitário e inclusivo.

## REFERÊNCIAS

- ACCARINI, André. **Assassinato no CEFET escancara violência contra mulheres na liderança e no trabalho**. Central Única dos Trabalhadores (CUT), 1 dez. 2025. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/assassinato-no-cefet-escancara-violencia-contra-mulheres-na-lideranca-e-no-traba-0f83>. Acesso em: 28 fev. 2026.
- AGÊNCIA TATU. **Mulheres são mais de 60% dos concluintes de cursos de graduação no Brasil**. 2023. Disponível em: <https://www.agenciatatu.com.br/noticia/mulheres-cursos-de-graduacao/#:~:text=TatuLab-,Mulheres%20s%C3%A3o%20mais%20de%2060%25%20dos%20concluintes,curso%20de%20gradua%C3%A7%C3%A3o%20no%20Brasil&text=No%20cen%C3%A1rio%20educacional%20brasileiro%2C%20o,an%C3%A1lise%20dos%20C3%BAltimos%2010%20anos>. Acesso em: 04 mar. 2025.
- BARRETO, Andreia. **A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade**. Cadernos do GEA, v. 6, p. 5-46, 2014. Disponível em: [https://biblioteca.flacso.org.br/files/2016/04/caderno\\_gea\\_n6\\_digitalfinal.pdf](https://biblioteca.flacso.org.br/files/2016/04/caderno_gea_n6_digitalfinal.pdf). Acesso em: 04 mar. 2025.
- BONINI, Luci Mendes de Melo; SILVA, Renan Antônio da; OLIVEIRA, Marilene Ferreira de Lima. **PERCEPÇÕES DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS SOBRE DIVERSIDADE DE GÊNERO E INTOLERÂNCIA DENTRO DO CAMPUS**. Educação em Revista, Marília, SP, v. 20, p. 111–122, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2019.v20esp.09.p111>. Acesso em: 13 abr. 2025.
- BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 42, p. 249–274, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645122>. Acesso em: 02 mar. 2025.
- DA LUZ, Jeiza Anielle; DA CUNHA, Enai Taveira. **FATORES QUE INFLUENCIAM AS MULHERES A ASSUMIREM CARGOS DE CHEFIA NA UNIVERSIDADE: UM ESTUDO DE CASO**. 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufersa.edu.br/handle/prefix/11271>. Acesso em: 10 jan. 2026.
- Diferenças de gênero na escolha de cursos superiores indicam estereótipos profissionais**. Em Foco, Anchieta, 12 jul. 2018. Disponível em: <https://emfoco.anchieta.br/2018/07/12/diferencas-de-genero-na-escolha-de-cursos-superiores-indicam-estereotipos-profissionais/>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- FECLESC, Nathalia Bezerra. Mulher e universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade. In: **Conferência Internacional sobre os Sete Saberes**. Ministério Público do Estado da Bahia, 2010. Disponível em: <https://dspace.sistemas.mpba.mp.br/handle/123456789/806>. Acesso em: 03 mar. 2025.
- FERREIRA, Adrielle Cristina de Paiva Marques. **A experiência das mulheres em cursos majoritariamente masculinos na Universidade Federal de Juiz de Fora:**

**desigualdades de gênero e barreiras vivenciadas.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) — Universidade Federal de Juiz de Fora, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/15780>. Acesso em: 04 fev. 2026.

FIGUEIREDO, V. C. N.; SILVA, Q. E. F. da; SANTANA, F. A. L. Assédio moral e gênero na universidade pública: ressonâncias do produtivismo no trabalho docente. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. esp3, p. 1841–1855, 2020. DOI: 10.22633/rpge.v24iesp3.14291. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/14291>. Acesso em: 13 abr. 2025.

FREITAS, M. C.; ÉSTHER, A. B.; SANTOS, J. C.. **DIVERSIDADE, ESTIGMATIZAÇÃO E PERTENCIMENTO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO.** Cadernos de Pesquisa, v. 53, p. e09940, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053149940>. Acesso em: 19 abr. 25.

FURLIN, N.; DELGADO, A. C. C. **Enfrentamento da violência de gênero em universidades federais brasileiras: Mapeamento dos mecanismos institucionais.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 19, n. 00, e024138, 2024. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v19i00.19023>. Acesso em: 12 jan. 2026.

FURLIN, Neiva; GRAUPE, Eliane. **Violências de gênero nas universidades: prevenção e enfrentamento.** Joaçaba: Editora Unoesc, 2024. Disponível em: <https://www.unoesc.edu.br/editora-unoesc/violencias-de-genero-nas-universidades-prevencao-e-enfrentamento/>. Acesso em: 02 maio 2025.

GODOY, A. S.. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 3, p. 20–29, maio 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000300004>. Acesso em: 17 abr. 25.

GOÍIS, Mariana; CARNEIRO DE CARVALHO, Ângela Maria. **Teto de vidro: uma discussão sobre a estrutura simbólica da sociedade e a perpetuação das desigualdades de gênero.** Caderno Espaço Feminino, v. 37, n. 1, p. 1–25, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14393/CEF-v37n1-2024-11>. Acesso em: 04 fev. 2026

GOMES, Bianca; FAHEINA, Caio; KER, João. **No ensino superior, o espelho da exclusão de pessoas trans.** Arte Estadão, São Paulo, 5 jun. 2019. Disponível em: <https://arte.estadao.com.br/focas/capitu/materia/no-ensino-superior-o-espelho-da-exclusao-de-pessoas-trans>. Acesso em: 12 jan. 2026

INEE. **Desigualdade de Gênero.** Disponível em: <https://inee.org/pt/glossario-EeE/desigualdade-de-genero#:~:text=A%20desigualdade%20de%20g%C3%A9nero%20refere,a%20todos%20os%20n%C3%ADveis%20sociais>. Acesso em: 03 mar. 2025

INSTITUTO FEDERAL DO TOCANTINS (IFTO). **Ações do programa visam proporcionar melhores condições de trabalho a mulheres em vulnerabilidade social.** Portal IFTO. Disponível em: <https://www.ifto.edu.br/noticias/acoes-do-programa-visam-proporcionar-melhores-condicoes-de-trabalho-a-mulheres-em-vulnerabilidade-social>. Acesso em: 12 jan. 2026.

INSTITUTO FEDERAL DO TOCANTINS (IFTO). **Certificação do Programa Mulheres Mil encerra ciclo de 2025 com mais de 60 novas formandas**. Portal IFTO. Disponível em: <https://www.ifto.edu.br/noticias/certificacao-do-programa-mulheres-mil-encerra-ciclo-de-2025-com-mais-de-60-novas-formandas>. Acesso em: 12 jan. 2026.

INSTITUTO FEDERAL DO TOCANTINS – IFTO. **Como registrar uma situação de assédio ou discriminação no IFTO**. Disponível em: <https://portal.ifto.edu.br/ifto/ouvidoria/prevencao-e-enfrentamento-ao-assedio/como-registrar-uma-situacao-de-assedio-ou-discriminacao-no-ifto>. Acesso em: 17 jan. 2026.

INSTITUTO FEDERAL DO TOCANTINS (IFTO). **Guia Lilás: ferramenta de combate ao assédio e à discriminação serve de apoio para ações no IFTO**. Portal IFTO, 09 jun. 2025. Disponível em: <https://portal.ifto.edu.br/noticias/guia-lilas-ferramenta-de-combate-ao-assedio-e-a-discriminacao-serve-de-apoio-para-acoes-no-ifto>. Acesso em: 12 jan. 2026.

INSTITUTO FEDERAL DO TOCANTINS (IFTO). **NUCA – Apresentação da Ouvidoria: Núcleo de Combate ao Assédio e à Discriminação**. Palmas: IFTO. Disponível em: <https://portal.ifto.edu.br/ifto/ouvidoria/prevencao-e-enfrentamento-ao-assedio/sfas/nuca-apresentacao-ouvidoria.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2026.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Notas estatísticas: Censo Escolar 2023**. Brasília, 2023. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/notas\\_estatisticas\\_censo\\_escolar\\_2023.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_escolar_2023.pdf). Acesso em: 04 mar. 2025.

JORNAL DA USP. **Violência de gênero na universidade – o desafio da USP**. *Jornal da USP*, São Paulo, 7 jun. 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/violencia-de-genero-na-universidade-o-desafio-da-usp/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

JORNAL DA USP. **Manual ajuda a combater discriminação e desigualdade no ambiente acadêmico**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 03 maio 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/manual-ajuda-a-combater-discriminacao-e-desigualdade-no-ambiente-academico/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

JUNIOR, Wilmo Ernesto Francisco; SOUZA, Andreza Alves de; FERREIRA, Mônica dos Santos. **Relações de gênero no meio acadêmico: como estudantes de ensino superior as percebem?**. *Revista Internacional de Educação Superior*, Campinas, SP, v. 10, n. 00, p. e024033, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8670258>. Acesso em: 11 jan. 2026.

**JUNTOS SOMOS ORGULHO**. Trilha de Autoliderança. Instituto Semear. Disponível em: <https://www.isemear.org.br/trilha-de-autolideranca/juntos-somos-orgulho/>. Acesso em: 08 jul. 2025.

KLANOVICZ, L. R. F.; OLIVEIRA, V. A. M. DE .. **Permanecer ou desistir? Mulheres na graduação em engenharia e tecnologias na UTFPR/Guarapuava, Brasil.** Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), v. 26, n. 1, p. 137–156, jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772021000100008>. Acesso em: 10 jan. 2026.

LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, p. e023141, 2023. DOI: 10.21723/riaee.v18i00.17958. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17958>. Acesso em: 17 abr. 2025.

MARCIANO, I. F. ., & SANTANA, T. R. (2024). **PROMOVENDO A DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES.** *Revista Mythos*, 21(1), 90–103. <https://doi.org/10.36674/mythos.v21i1.846>. Acesso em: 02 abr. 2025

MAURÍCIO, Luiz Felipe Sales; MARCOLAN, João Fernando. **O ser masculino em sofrimento psíquico no curso de Enfermagem.** *Revista Enfermagem UEPE on line.*, Recife, 10(Supl. 6):4845-53, dez., 2016. Disponível: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11264/12892>. Acesso em: 19 abr. 25.

MENDES, R. M.; MISKULIN, R. G. S.. A análise de conteúdo como uma metodologia. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 165, p. 1044–1066, jul. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053143988>. Acesso em: 14 abr. 2025.

PESSOA, Maria Fernanda, VAZ, Daniela Verzola; BOTASSIO, Diego Camargo. **VIÉS DE GÊNERO NA ESCOLHA PROFISSIONAL NO BRASIL.** *Cadernos de Pesquisa*, v. 51, p. e08400, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/GGGh6ct6TqyWGcXZRxsmtMb/>. Acesso em: 12 abr. 2025.

PINTO, Érica Jaqueline Soares; DE CARVALHO, Maria Eulina Pessoa; RABAY, Glória. As relações de gênero nas escolhas de cursos superiores. **Revista Tempos e espaços em Educação**, v. 10, n. 22, p. 5, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8640783>. Acesso em: 04 mar. 2025.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Novos dados mundiais do PNUD mostram que preconceitos de gênero continuam enraizados.** 2023. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/news/novos-dados-mundiais-do-pnud-mostram-que-preconceitos-de-genero-continuam-enraizados>. Acesso em: 02 maio 2025.

Rocha, A. U. **O enfrentamento à violência de gênero nas universidades brasileiras: desafios e estratégias a partir de perspectivas feministas** (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/21611>. Acesso em: 19 abr. 25.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 02 mar. 2025.

SIQUEIRA, Camila Santa Cruz Lins de et al. **Igualdade de gênero: avaliação em uma instituição pública de ensino superior na Paraíba**. 2024. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/34210/1/CamilaSantaCruzLinsDeSiqueira\\_Dissert.pdf](https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/34210/1/CamilaSantaCruzLinsDeSiqueira_Dissert.pdf). Acesso em: 12 jan. 26.

SOUZA, M. P. de; SANTOS, L. L. dos; FOSSATTI, P.; JUNG, H. S. **Docentes no ensino superior: ressignificando as diferenças**. Revista Educação Especial, [S. l.], v. 35, p. e34/1–22, 2022. DOI: 10.5902/1984686X67187. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/67187>. Acesso em: 19 abr. 2025.

TEIXEIRA, D. V.. **Desigualdade de gênero: sobre garantias e responsabilidades sociais de homens e mulheres**. Revista Direito GV, v. 6, n. 1, p. 253–274, jan. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/cfxjZqpdBnmLG7w4vJr9rJr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2025.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo. Editora Atlas, 1987. Disponível em: <https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em-Ciencias-Sociais.pdf>. Acesso em: 17 abr. 25.

VIEIRA, Marcelo. **"Quero poder existir": contornos da violência simbólica contra orientações sexuais não binárias entre universitários LGBT da Universidade Federal de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/160738>. Acesso em: 8 jul. 2025.



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
TOCANTINS  
CAMPUS ARAGUATINS  
CURSO SUPERIOR LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título da Pesquisa:** A PERCEPÇÃO DISCENTE SOBRE A DESIGUALDADE DE GÊNERO NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO COM ESTUDANTES DOS CURSOS PRESENCIAIS DE GRADUAÇÃO DO IFTO – *CAMPUS* ARAGUATINS

**Pesquisador Responsável:** Jefferson Pereira Rosalve

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jeane Cristina Oliveira

**Objetivo da Pesquisa:** Esta pesquisa tem como principal objetivo analisar e compreender como discentes percebem a desigualdade de gênero no Ensino Superior, no IFTO - *Campus* Araguatins, buscando identificar práticas discriminatórias de gênero que são percebidas dentro do ambiente acadêmico.

**Metodologia:** Este estudo partirá de uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, com o intuito de compreender as percepções de discentes sobre a desigualdade de gênero no ambiente acadêmico. A coleta de dados será realizada por meio de um questionário *online*, disponibilizados na plataforma *Google Forms*, e direcionados a estudantes dos cursos do Ensino Superior do IFTO – *Campus* Araguatins. Por fim, serão examinados documentos institucionais voltados à promoção da equidade de gênero.

**Participação:** Sua participação envolve responder a um questionário sobre suas percepções e experiências relacionadas à desigualdade de gênero no ambiente universitário.

As informações coletadas durante esta pesquisa serão mantidas em sigilo, e sua identidade não será divulgada em nenhum relatório ou publicação decorrente do estudo. Os dados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

**Benefícios da pesquisa:** A pesquisa busca ampliar a compreensão sobre desigualdade de gênero no contexto universitário, servindo como suporte para a elaboração de políticas institucionais mais justas e inclusivas. Além disso, pretende fortalecer o debate acadêmico em torno da promoção da equidade de gênero e do enfrentamento a práticas discriminatórias no ambiente educacional.

Ao assinar este termo, você concorda em participar voluntariamente desta pesquisa, estando ciente de seus objetivos, metodologia e dos direitos que lhe assistem como participante. Você pode retirar seu consentimento a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Para esclarecimentos, críticas ou informações, pode entrar em contato com o pesquisador Jefferson Pereira Rosalve, entre em contato pelo e-mail: [jefferson.rosalve@estudante.ifto.edu.br](mailto:jefferson.rosalve@estudante.ifto.edu.br) ou pelo telefone **(63) 9 9912-2987**, ou até mesmo com a orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Jeane Cristina de Oliveira, pelo e-mail: [jeane.oliveira@ifto.edu.br](mailto:jeane.oliveira@ifto.edu.br).

**Declaro que fui informado (a) de todos os detalhes da pesquisa e concordo em participar.**

Nome do Participante:

---

Assinatura:

---

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/20\_\_



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
TOCANTINS  
CAMPUS ARAGUATINS  
CURSO SUPERIOR LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**APÊNDICE B - MENSAGEM DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E DO  
PESQUISADOR RESPONSÁVEL**

Prezado(a) participante,

Meu nome é Jefferson Pereira Rosalve, sou acadêmico do 8º período do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas no IFTO – *Campus Araguatins*. Esta pesquisa faz parte do meu TCC, sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Jeane Cristina de Oliveira, e tem como objetivo compreender como os discentes percebem a desigualdade de gênero no Ensino Superior, identificando possíveis práticas discriminatórias.

Sua participação é voluntária, pode ser interrompida a qualquer momento e não envolve custos ou pagamentos. Nenhum dado pessoal sensível será solicitado, e todas as informações serão mantidas em sigilo e usadas apenas para fins acadêmicos. A participação não gera custos e nem pagamentos. Os resultados contribuirão para a compreensão e enfrentamento da desigualdade de gênero nas universidades, auxiliando na construção de políticas institucionais mais justas.

**Nesta pesquisa, o termo desigualdade de gênero refere-se à diferença de participação entre homens e mulheres em determinados cursos do IFTO – *Campus Araguatins*, tradicionalmente identificados como femininos ou masculinos.**

Para esclarecimentos, críticas ou informações, entre em contato pelo e-mail [jefferson.rosalve@estudante.ifto.edu.br](mailto:jefferson.rosalve@estudante.ifto.edu.br) ou pelo telefone (63) 9 9912-2987.



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
TOCANTINS  
CAMPUS ARAGUATINS  
CURSO SUPERIOR LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO PARA OS DISCENTES**

**Parte 1 – Perfil do Respondente**

1. Qual o seu curso?
  - ( ) Bacharelado em Engenharia Agrônômica
  - ( ) Bacharelado em Medicina Veterinária
  - ( ) Licenciatura em Ciências Biológicas
  - ( ) Licenciatura em Computação
2. Qual o seu gênero?
  - ( ) Feminino
  - ( ) Masculino
  - ( ) Outro: \_\_\_\_\_
3. Qual a sua faixa etária?
  - ( ) Menos de 20 anos
  - ( ) 20 a 29 anos
  - ( ) 30 a 39 anos
  - ( ) 40 a 49 anos
  - ( ) 50 anos ou mais

**Parte 2 – Percepções sobre Desigualdade de Gênero**

4. Você acredita que existe desigualdade de gênero no ambiente acadêmico?
  - ( ) Sim
  - ( ) Não
  - ( ) Não sei dizer
5. Se respondeu "Sim" na pergunta anterior, como você percebe essa desigualdade?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6. Você já presenciou ou vivenciou alguma situação de discriminação de gênero no IFTO – *Campus Araguatins*?

( ) Sim

( ) Não

7. Se respondeu "Sim" na pergunta anterior, poderia descrever brevemente o ocorrido?

---

---

### Parte 3 – Impactos e Enfrentamento

8. Como você acredita que a desigualdade de gênero impacta a vida acadêmica de estudantes e professores?

---

---

9. Na sua opinião, a universidade (IFTO – *Campus Araguatins*) realiza ações suficientes para combater a desigualdade de gênero?

( ) Sim

( ) Não

( ) Não sei dizer

10. Que medidas você considera eficazes para reduzir a desigualdade de gênero no ambiente universitário?

---

---

### Parte 4 – Espaço para Contribuições Livres

11. Você gostaria de relatar mais alguma experiência, sugestão ou reflexão sobre o tema?

---

---